

Quando a polícia influencia os resultados eleitorais: uma leitura a partir de Gaza

1. Introdução
2. Influenciar resultados como violência eleitoral
3. Polícia como actor de violência eleitoral nas eleições
4. Conclusão

Introdução

- A 2 de Novembro passado Moçambique completou 29 anos do início de transição democrática.
- As sextas eleições gerais desde 1994
- Observadores apontam para eleições mais fraudulentas da história (Votar Moçambique, 2019; MOE UE, 2019).
- Processo eleitoral mais violento: ameaças, detenções, assassinatos e tentativas de assassinatos, limitações de espaço político, agressões físicas... (Votar Moçambique, 2019; MOE UE, 2019; Sala da Paz, 2019)

Introdução

- A Renamo ameaça com conflito armado caso o Conselho Constitucional valide os resultados eleitorais de 15 de Outubro (O País, 14.11.2019)
- Mais eleições, menos democráticos, mais violência e fraude
- As eleições são jogo de “Faça ou morra”, uma “questão de vida ou morte” (Sisk, 2012).
- Que função é reservada à polícia?
- Por que estas eleições foram mais fraudulentas e violentas do que as outras (relatórios de observação eleitoral)?

Influenciar resultados como violência eleitoral

- Vasta literatura sobre violência eleitoral.
- Os incumbentes recorrem à violência quando entendem que popularidade de seu oponente é relativamente alta e quando enfrentam poucas restrições institucionais (Hafner-Burton, Hyde & Jablonski, 2014).
- Taylor, Pevehouse e Straus (2017): As elites políticas estão dispostas a usar a violência eleitoral quando está em jogo o poder de um patrão.
- O recurso à violência será mais comum quando o incumbente estiver a buscar a reeleição:
 - sistemas presidenciais personalizados, clientelistas, que caracterizam a maioria dos estados africanos.

- Os detentores do poder cultivam uma rede de clientes que dependem deles para garantir suas vantagens políticas ou comerciais:
 - a) acesso negócios lucrativos do estado
 - b) direitos a terras agrícolas e outras empresas comerciais valiosas
 - c) proteção contra processos por corrupção ou outro comportamento ilegal.
- Nesse contexto, os detentores do poder estarão mais dispostos a convocar uma rede de elites interessadas a cometer um comportamento arriscado e violento, e é mais provável que essas elites aceitem a proposta, por causa de uma relação patrimonial anterior, mutuamente benéfica (Taylor, Pevehouse e Straus, 2017, p. 399)

- Se o candidato não procurasse reeleição a probabilidade de violência seria menor
- Os beneficiários da rendas do governo estariam menos dispostos a assumir os custos de cometer violência
- Recorrem a violência quando eles e seus clientes temem que o recurso a ferramentas não-violentas à sua disposição não possam garantir a vitória.
- As elites ao seu redor têm maior probabilidade de recorrer à violência eleitoral como uma estratégia para reter o poder (Taylor, Pevehouse e Straus, 2017, p. 399).
- Salehyan e Linebarger (2015) argumentam que o neo-patrimonialismo em África enfraquece as instituições em sistemas liberais, tornando mais vulneráveis a violência eleitoral.

- Bens de patronagem ameaçado, dispostos a mobilizar apoiantes para participar da violência para proteger o patrão.
- Neste caso, violência eleitoral seria:
 - 1) um esforço estratégico para influenciar os resultados eleitorais (Fjelde e Höglund, 2014, p. 299).
 - 2) Uma actividade motivada pela tentativa de afectar os resultados das eleições – manipulando os procedimentos e participação eleitoral ou contestando a legitimidade dos resultados:
 - i. intimidação dos eleitores e de candidatos,
 - ii. assassinatos,
 - iii. ataques contra suas propriedades,
 - iv. deslocamento forçado,
 - v. detenções ilegais e
 - vi. tumultos (Laakso, 2007, p.227-228)

- Os autores da violência eleitoral podem ser polícia e exército, apoiantes do governo, grupos da oposição, manifestantes espontâneos e até organizações rebeldes

3) Violência física e intimidação directamente ligada a uma disputa eleitoral iminente ou a um resultado eleitoral anunciado (Taylor, Pevehouse e Straus, 2017, p. 399).

- violência corre seis meses antes de uma eleição ou três meses após uma eleição (nr. Gaza)

4) subtipo de violência política na qual os actores empregam coerção de maneira instrumental para promover seus interesses ou alcançar fins políticos específicos (UNDP, 2009:4):

actos assassinato de oponentes ou brigas espontâneas entre apoiantes de grupos rivais – ameaças, coerção e intimidação de oponentes, eleitores ou funcionários eleitorais (UNDP, 2009:4)

Polícia como actor de violência nas eleições 2019

- Estrutura da violência eleitoral em Gaza:

- 1) Delegados do partido (grupos de choques/ Observadores do partido)
- 2) Coordenam a acção dos observadores do partido e dos grupos de choque
 - a) Controlam as movimentações pessoas estranhas ao partido
 - b) Ameaçam às pessoas estranhas, incluindo observadores (Chokwe, Bilene, Manjacaze, Chongoene)
 - c) Orientam as acções da polícia
 - d) Impedem acções da oposição

2. Órgãos de Administração Eleitoral

- a) Dificultam a acção dos MMVs da oposição
- b) Dificultam e bloqueiam credenciação de observadores independentes
- c) Bloqueiam o processo de credenciação dos delegados
- d) Seleccionam os presidentes, vices e secretários de mesas

3) MMV (presidentes, vices e secretários)

- a) Ordenam acções da polícia
- b) Bloqueiam delegados e mandatários da oposição
- c) Lideram o processo de enchimento de urnas
- d) Invalidam os votos da oposição
- e) Intimidar observadores (Chokwe, Bilene, Manjacaze, Chongoene)

4. Forças de defesa e segurança do Estado:

- a) Intimidar a oposição, potenciais eleitores da oposição e observadores da independentes (caso de Bilene, Chókwe, com delegados da oposição)
- b) Controlar e afastar pessoas estranhas sob ordem dos observadores do partido e dos presidentes das mesas
- c) Agredir membros da oposição
- d) Deter delegados e membros da oposição
- e) Proteger os infractores do partido no poder

5. Estrutura do partido e do Estado

- Coordena todo os processo de manipulação dos processos
- Aliciam, prometem e ameaçam os MMVs
- Orientam as acções da polícia, os grupos de choques, os secretários dos bairros (?), delegados, observadores.
- O partido Frelimo distribuiu só no dia 12 e 13 de Outubro acima de 1 milhão de meticais por pouco mais de 300 MMVs (presidentes, vices e secretários)
- Cada recebia 1500 MT para fazer “bom trabalho”.
- Paul Staniland (2014) considera isto de violência intra-sistémico – uso de forcas de segurança ou milícia, exército, grupos de jovens e activistas e outras redes políticas que agem como grupos de choques protegidos pelo regime mas não estatais.
- Limitação da literatura: sector empresarial na manipulação dos processos eleitorais

- 1) Elite de Nampula – investimento em troca de benefícios
- 2) Chineses – motorizadas e contentores de material de campanha
- 3) Privinvest – 10 milhões de USD para a Frelimo
- 4) Rovuma LNG anuncia a 8 de Outubro 520 milhões USD investimentos de curto prazo
- 5) A partir de 2020, anunciou investimento entre 27 e 33 bilhões de dólares americanos na criação de condições para a exploração do gás

Conclusão

- As forças de defesa e segurança são actores indispensáveis no processo de manipulação dos resultados
- Protegem os restantes actores
- Não há como dissociar a violência e fraude das eleições passadas com expectativas de ganhos de mega-projectos
- A incerteza quanto à reeleição foi também dos principais factores aliada à série de crises (económica, emprego, ataques em Cabo Delgado, inflação...)

Obrigado

lazaro.mabunda@gmail.com